

Especial



A casa ganhou uma ampla sala e agora é mais arejada e iluminada

Conflito, afeto e negociação

Se a obra da Casa de Mainha tinha coerência técnica, o processo foi marcado por disputas afetivas. A mãe participava ativamente, às vezes contrariando o arquiteto. Escolheu pisos mais lisos do que ele gostaria, interferiu em decisões diretamente com o pedreiro, resistiu a algumas soluções propostas. Em determinado momento, ele chegou a comprar lajotas de barro com recursos próprios, mas não pôde instalá-las. Só depois de ver referências semelhantes valorizadas na internet ela reconsiderou.

Esse embate revela o caráter humano do projeto. Não era um exercício autoral isolado; era uma negociação entre visões. A arquitetura precisava caber no desejo e na história de quem habita. “A gente descascava uma parede e achava um tijolo que tinha a marca do dedo de quem fez esse

tijolo, ou seja, meu pai e minha mãe. Então, a história estava, literalmente, nas paredes de quem fez, de quem morou, de como foi. Não tem como fugir disso”, conta Zé.

Do improvável ao mundo

A inscrição no prêmio internacional não estava nos planos. Zé sequer acreditava que a casa se encaixaria no perfil da plataforma. Foi a própria curadoria do ArchDaily que o convidou a submeter o projeto. A vitória na categoria Residencial — em meio a 15 categorias globais — foi resultado de votação popular, com mais de 200 mil votos. Para ele, isso muda tudo. Não foi apenas o “mercado” premiando a si mesmo; foram pessoas dizendo o que consideram relevante.

A repercussão foi construída ao longo do processo. Desde março do ano anterior, ele compartilhava a obra nas redes, mobilizando seguidores, amigos e familiares. Quando o resultado saiu, a celebração foi coletiva.

Arquitetura como qualidade de vida

Para Zé Vágner, o prêmio representa mais que consagração profissional. É um grito: dá para fazer uma boa arquitetura com pouco. Dá para resolver problemas reais sem recorrer a excessos de revestimento, porcelanato polido ou iluminação cenográfica. A arquitetura, para ele, não é tendência anual; é transformar um espaço que atrapalha a vida de alguém em um lugar que ajuda essa pessoa a viver melhor.

Ele defende que todo projeto, caro ou barato, é social, porque interfere na paisagem urbana, que é coletiva. Construir respeitando limites, ventilação, relação com a rua é também falar sobre caráter, sobre como se ocupa o mundo.

“Arquitetura não é a cor do ano, não é o revestimento do ano, não é a iluminação do ano. A arquitetura é muito mais básica e é muito mais focada nas necessidades do ser humano, tem que falar de quem habita ali, de quem é dono, de quem vai viver naquele espaço”, resume Zé.

Hoje, ele e a mãe seguem morando na casa que se tornou símbolo. Da pequena sala 2x2 em Feira Nova, cidade distante ele sonha em ampliar a rede de apoio formada na internet e continuar impactando. “A gente sempre sonha em transformar o mundo, né? Então eu comecei pela minha rua”, diz.